

Fall 10-1-2021

A missão espiritana na Ásia

Patrick Palmer

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/horizontes-espiritanos>

Recommended Citation

Palmer, P. (2021). A missão espiritana na Ásia. *Horizontes Espiritanos*, 17 (17). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/horizontes-espiritanos/vol17/iss17/12>

This Soundings is brought to you for free and open access by the Spiritan Horizons (English, French, and Portuguese) at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Horizontes Espiritanos by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

Pat Palmer, C.S.Sp.



Patrick Palmer, C.S.Sp.

Pat Palmer, C.S.Sp., natural de Dublin, foi ordenado em 1976. Ele trabalhou como missionário e formador em Serra Leoa, Gana e Irlanda. De 2000 a 2006 desempenhou o cargo de Provincial da Irlanda. Em 2007 Pat foi nomeado para o Vietname, onde trabalha desde então.

A MISSÃO ESPIRITANA NA ÁSIA

INTRODUÇÃO

A Ásia ainda é uma missão relativamente nova para os espiritanos. Durante grande parte da sua história, a missão espiritana concentrou-se na África e depois na América do Sul, com missionários vindos da Europa e da América do Norte.

Este foco começou a mudar, ou melhor, a expandir-se, no início dos anos 70, quando um grupo de espiritanos chegou a Papua Nova Guiné e novamente em 1977 com o estabelecimento duma missão espiritana no Paquistão. Esta mudança para a Ásia foi apoiada pela publicação da carta apostólica do Papa João Paulo II de 1994, *Tertio Millennio Adveniente*.

Esta carta descreve os preparativos para o Jubileu do Ano 2000 e os desafios enfrentados pela Igreja. Falou da necessidade de se comprometerem com as grandes religiões monoteístas e da necessidade do diálogo inter-religioso. Em 1997, os espiritanos abriram missões nas Filipinas e em Taiwan. Estas missões anteciparam a recomendação do Sínodo dos Bispos para a Ásia em 1998, quando o Papa João Paulo II pediu aos institutos missionários que olhassem para a Ásia no novo milênio.¹ Outras missões espiritanas foram estabelecidas posteriormente no Vietname em 2007 e na Índia em 2010. Desde o início, as missões espiritanas foram internacionais, com membros vindos da Europa, África, Américas e Ásia.

Do ponto de vista cultural e religioso, a Ásia é o continente mais diversificado. É o local de nascimento de todas as grandes religiões do mundo. O Papa João Paulo II nos lembrou que Jesus encarnou como um asiático; apesar disso, o cristianismo ainda é considerado uma religião estrangeira por muitos asiáticos. As tentativas periódicas de evangelização na Ásia, por exemplo, os jesuítas na China e no Japão, tiveram um sucesso limitado. Mas as pequenas, e em alguns casos minúsculas, comunidades cristãs que surgiram conseguiram sobreviver ao longo dos séculos, apesar da intensa perseguição.

O único país onde o cristianismo criou raízes é as Filipinas, uma colônia espanhola há mais de 300 anos e uma americana há 50 anos. A Índia também é

1. *Ecclesia in Asia*, Papa João Paulo II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal, 1998.

diferente. Apesar da sua forte cultura Hindu/Budista, uma presença cristã significativa, tanto católica como protestante, desenvolveu-se através do trabalho dos missionários. O que não é conhecido, ou foi esquecido, é que os espiritanos já trabalharam na Índia no século XIX. Confrades da França e da Irlanda estavam envolvidos na educação e trabalho paroquial nos enclaves franceses de Pondicherry e Chandernagor. A congregação os retirou em 1888 para concentrar seus esforços na África.

A missão da Igreja é proclamar o Reino de Deus e Jesus como a Palavra de Deus encarnada.

ECCLESIA IN ASIA

O documento sinodal de 1998, *Ecclesia in Asia*, tentou definir uma abordagem para o trabalho missionário na Ásia.

Por causa da grande diversidade de culturas e religiões na Ásia, é difícil fazer afirmações gerais que se aplicam em todos os lugares. Mas temos que partir de nossas convicções básicas e do que queremos fazer como missionários na Ásia.

A missão da Igreja é proclamar o Reino de Deus e Jesus como a Palavra de Deus encarnada. O documento afirma claramente que: “Cristo [é] o único Mediador entre Deus e os homens e o único Redentor do mundo, distinguindo-o bem dos fundadores de outras grandes religiões.”

O documento afirma claramente que: O documento afirma claramente que “Cristo é o único Mediador entre Deus e os homens e o único Redentor do mundo, distinguindo-o bem dos fundadores de outras grandes religiões.”²

Este não é o melhor ponto de partida para o diálogo: “Alguns dos seguidores das principais religiões asiáticas não têm nenhum problema em aceitar Jesus como uma manifestação da Divindade ou do Absoluto, ou como um ‘ser iluminado’. Entretanto, eles têm dificuldade em vê-lo como a única manifestação da Divindade”.

O culto do “homem santo” e da “mulher santa” ou guru é muito forte, e Jesus é geralmente considerado como mais uma de suas variantes: “...esforços para compartilhar o dom da fé em Jesus como único Salvador envolvem múltiplas dificuldades filosóficas, culturais e teológicas, especialmente à luz das crenças das principais religiões da Ásia, que estão intimamente ligadas a valores culturais específicos e visões do mundo”.³

O documento sugere que Jesus é melhor apresentado em sua perspectiva relacional, histórica e cósmica, e também como o defensor dos humildes, dos fracos, dos proscritos. É aqui que a mensagem cristã se torna central, pois desafia o castelismo, o nacionalismo, o tribalismo e o elitismo que afligem as sociedades asiáticas.

2. *Ibid.*, n.º 2.

3. *Ibid.*, n.º 20.

O diálogo inter-religioso procura o entendimento e a aceitação mútua.

DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

Duas palavras descrevem uma abordagem missionária entre culturas, o diálogo, especificamente o diálogo inter-religioso, e a inculturação. Na Ásia, podemos acrescentar uma terceira palavra, “inclusivismo”. O Papa João Paulo II afirmou assim que, “o diálogo é um modo característico da vida da Igreja na Ásia”.⁴ O diálogo inter-religioso procura o entendimento e a aceitação mútua.

Também deve incluir uma dimensão de aprendizagem mútua.

Mesmo o documento *Ecclesia in Asia* de 1998 encarava a Ásia como um receptor, não como um comunicador de ideias teológicas. Ele subestimava a profundidade da influência que as antigas religiões da Ásia tiveram e continuam a ter na cultura e nas mentalidades. Ao longo da história, essas religiões têm atuado como guardiãs da cultura em tempos críticos. A Igreja precisa de estar muito mais atenta ao que as outras religiões mundiais nos podem ensinar e ao que os teólogos cristãos asiáticos dizem. Isto é particularmente importante num momento em que uma nova cultura materialista com base em tecnologia e secularização está afetando estas tradições.

O diálogo inter-religioso pressupõe uma forte crença em Deus, mas isto nem sempre é tão evidente no diálogo. O diálogo com os budistas pode concentrar-se mais em questões como o meio ambiente e questões psicológicas e não em questões teológicas.

Do lado cristão, o diálogo também pressupõe uma crença na operação do Espírito Santo em todas as pessoas de fé. Este tipo de diálogo pode acontecer e acontece efetivamente a nível institucional e formal, mas também a nível individual e informal. Isso nem sempre leva a resultados positivos. Uma experiência de diálogo com um monge budista no Vietname me deixou com a convicção de que as duas religiões tinham pouco em comum, exceto em relação à nossa humanidade. O outro tipo de diálogo foi chamado de «diálogo da vida», que descreve a vida cotidiana dum missionário em suas interações com a gente. É nisto que os missionários florescem, construindo relacionamentos e amizades com a população local. É nisso que percebemos nossa humanidade comum, que nós missionários não somos “o outro”, o estranho ou o estrangeiro. Este diálogo de vida muitas vezes envolve compartilhar a pobreza e a insegurança e, quando politicamente possível, buscar a justiça e a libertação. É também aqui que a “opção pelos pobres” se torna central. “Tal opção frequentemente traz suas próprias recompensas: uma consciência

Este diálogo de vida muitas vezes envolve compartilhar a pobreza e a insegurança e, quando politicamente possível, buscar a justiça e a libertação.

4. *Ibid.*, nº 4.

mais profunda dos laços de humanidade que unem todos os homens e todas as mulheres, um aprofundamento da nossa própria fé e a libertação em relação a uma mentalidade de gueto”.⁵

INCULTURAÇÃO

O Papa João Paulo II se perguntava como podemos permitir às culturas asiáticas compreender o significado universal do mistério de Jesus e da Igreja. A inculturação é sempre vista como uma abordagem necessária; inculturação da liturgia, das Escrituras, e formação dos leigos e futuros sacerdotes. Mas mesmo neste nível, a Ásia apresenta desafios particulares. Os espiritanos no Paquistão encontraram duas reações diferentes entre os cristãos às adaptações da liturgia - um grupo entusiasmado com as mudanças e outro grupo mais preocupado em manter a liturgia mais tradicional e socialmente aceite. Os espiritanos descobriram que os pobres estavam mais abertos à mudança; os que se encontravam num nível social um pouco mais elevado estavam mais inclinados a se adaptar sem desconsiderar as práticas costumeiras.⁶ Durante os anos de repressão no Vietname, a adaptação da liturgia foi limitada; em tais circunstâncias, ater-se ao conhecido e ao universal era a melhor política. Numa cultura budista como a do Vietname, e em menor grau na cultura secularizada de Taiwan, a contemplação está no centro da prática religiosa, e é aqui mesmo que é possível a cooperação inter-religiosa. “Missão é ação contemplativa e contemplação ativa”,⁷ mas é mais no processo de contemplação ou oração do que no objecto do exercício que as partes podem dialogar. Quando perguntei a um monge budista sobre o que estava a meditar, a resposta foi: “nada”.

*Si véritablement
vous êtes pro-vie,
alors ce n'est pas
à vous de décider
quel dossier pro-vie
vous allez
défendre !*

INCLUSIVIDADE

A terceira abordagem à missão na Ásia centra-se na ideia de inclusividade. Os missionários vindos da Igreja Ocidental imbuíram a noção de tamanho único quando se trata de se conformar com a especificidade católica.

No pensamento religioso asiático: “...as fronteiras não são rigidamente marcadas, as estruturas não são rigidamente fixadas e as condições de adesão não são estritamente estabelecidas”.

5. Felix, Wilfred. “Emerging Trends Challenge the Churches of Asia [As tendências emergentes desafiam as igrejas na Ásia].” *In. Trends in Mission: Toward the Third Millennium: Essays in Celebration of Twenty-Five Years of SEDOS* [Tendências da missão: Rumo ao terceiro milénio: Ensaio em celebração dos 25 anos do SEDOS], edited by William Jenkinson, Helene O’Sullivan. New York: Orbis Books, 1991.

6. “Proclamation is Dialogical [O anúncio é dialógico].” O’Brien CSSp, John. *Spiritán Life* No. 24 (2014).

7. *Ecclesia in Asia*, n.º 23, in italics in the French translation [em itálico na tradução francesa].

Os missionários precisam de estar abertos a diferentes níveis de participação/envolvimento, uma noção que deve ser tida em conta pela Igreja Ocidental.

“O que é importante para a maioria das pessoas não é tanto a identidade religiosa externa, mas a experiência religiosa mais profunda e o caminho que se percorre para a alcançar”.⁸ Isto reflecte-se na estrutura de um mosteiro budista típico, que pode incluir monges e freiras celibatários a tempo inteiro, membros temporários, pessoas casadas e pessoas intermitentes.

No Vietname, a única religião fundada localmente é a de Cao Dai, que tem três grandes profetas, Buda, Jesus e Victor Hugo, com uma dose pesada de confucionismo. A sua sede é chamada de Santa Sé.

Na Índia, esta abordagem manifesta-se no grande número de hindus que assistem regularmente a palestras sobre Jesus e as Escrituras. Não tencionam converter-se, mas estão interessados em diferentes caminhos espirituais. Os missionários precisam de estar abertos a diferentes níveis de participação/envolvimento, uma noção que deve ser tida em conta pela Igreja Ocidental.

Nas Filipinas, país predominantemente católico, as pessoas deslocam-se facilmente duma igreja evangélica para outra, muitas vezes começando e terminando com a versão católica.

Deve também notar-se que nas igrejas do Vietname e da Índia, a inclusividade não é um problema. O modelo de igreja deles é a igreja ocidental trazida pelos missionários nos séculos XIX e XX.

FABC 2018

Na sua reunião de 2018, a Federação das Conferências Episcopais Asiáticas (FABC) relatou um diálogo triplo; com a cultura, com outras religiões e com os pobres e estabeleceu um roteiro de cinco pontos para a evangelização na Ásia:

1. A evangelização/construção do Reino de Deus no terceiro milénio pertence à Igreja asiática. Embora isto possa ser um reconhecimento de que a era dos missionários ocidentais terminou, também implica a necessidade de os asiáticos serem missionários uns dos outros. Isto já está a acontecer com missionários do Vietname, das Filipinas, da Índia e de outros países que trabalham em todo o continente. Há sempre uma tendência para uma igreja se retirar para dentro de si mesma, especialmente quando tem sido perseguida. Uma das tarefas dos espiritanos e outros grupos missionários é desenvolver o alcance missionário na igreja local.
2. A justiça económica e ambiental está no centro da nossa proclamação. En-

8. Wilfred, Felix *op. cit.*

quanto as economias da Ásia se estão a desenvolver rapidamente, muitas pessoas estão a ser deixadas para trás. Na Índia, a indústria de alta tecnologia situa-se ao lado da pobreza. A degradação ambiental, a poluição do ar urbano e os terríveis danos aos mares são problemas diários para a população e devem ser motivo de preocupação para a Igreja. O Vietname tem uma longa linha costeira com o mar mais movimentado e mais poluído do mundo, o Mar do Sul da China. Existe um conflito real entre o desejo de desenvolver a indústria e a tecnologia enquanto se procura proteger o ambiente. Uma recente catástrofe em grande escala no sector da piscicultura sublinhou este estado de coisas.

3. Os direitos dos povos indígenas devem ser mantidos e defendidos. Uma das características de numerosos países da Ásia é a presença de importantes populações de grupos indígenas que têm uma cultura e uma língua, e por vezes uma religião, diferentes dos da população maioritária e por isso são vítimas de discriminação em seu próprio país. Isto acontece no Paquistão, na Índia, nas Filipinas, na China, e em menor escala no Vietname e em Taiwan onde os grupos estão mais integrados. Os grupos étnicos minoritários constituem sempre maior parte da população pobre e não instruída e são uma forte mão de obra barata.
4. É essencial que a Igreja entre em diálogo com a pobreza, a cultura e com as outras religiões. Os pobres sempre foram encontrados entre as minorias étnicas, mas hoje em dia são cada vez mais encontrados entre os migrantes. Os migrantes são um fenómeno crescente nos países onde os espiritanos trabalham. No Vietname e na Índia, trata-se duma migração interna das zonas rurais para as cidades. Em Taiwan, trata-se de migração estrangeira, principalmente das Filipinas, Vietname e Indonésia, para trabalhar nas fábricas e casas dos taiwaneses. São estrangeiros numa cultura estrangeira e podem experimentar hostilidade, solidão e desconexão perante a sociedade. Numa sociedade como Taiwan, pode ser difícil identificar os pobres dentro da população em geral. A pobreza não deriva da falta de dinheiro mas sim da solidão e de uma falta de significado da vida.
5. Integrar a reconciliação em áreas onde o racismo, o casteísmo e a violência, especialmente contra as minorias e as mulheres, estão entrincheirados. A violência contra as mulheres e as minorias religiosas continua a ser uma característica da vida no Paquistão e na Índia. É nesta área que a mensagem cristã é mais relevante. O ensino social católico, com a sua ênfase na igualdade, direitos humanos e libertação de estruturas injustas, apela não só a entidades políticas mas também a entidades religiosas. É aqui que o cristianismo se pode distinguir de outras religiões do mundo. Esta diferença tem sido descrita como a diferença entre a religião antropomórfica e a religião cósmica. Para os cristãos, Deus é o encarnado que veio entre nós e está preocupado com o sofrimento das pessoas. Isto contrasta com o forte elemento de fatalismo e predeterminação encontrado em outras religiões.

O estilo de missão dos espiritanos é caracterizado pelo envolvimento activo com as pessoas.

OS ESPIRITANOS

Este é o mundo em que os missionários espiritanos são chamados a servir. São uma pequena parte do que já é uma igreja minoritária, excepto nas Filipinas. O estilo de missão dos espiritanos é caracterizado pelo envolvimento activo com as pessoas, testemunho nas suas comunidades e vidas pessoais, a

unidade na diversidade, um ministério colaborativo, a proximidade

aos pobres e uma voz profética na sociedade. Esta é a sua identidade e carisma e são relevantes para o mundo asiático, tal como o Evangelho continua a ser relevante nas suas vidas, nas suas comunidades e na sociedade.

O carisma espiritano é um apelo para trabalhar com os “pobres e abandonados”, os marginalizados e excluídos. Nos países onde trabalham, duas tendências estão a influenciar a emergência de novas formas de pobreza. São a urbanização e os contínuos avanços tecnológicos que tornam difícil para muitas pessoas recuperar o atraso. Estas tendências significam que alguns grupos estão a tornar-se mais marginalizados, mais numerosos e mais pobres. Os cidadãos idosos, os seniores, sentem-se cada vez mais isolados na sociedade. Em Taiwan, terminam os seus dias em lares de idosos ou sozinhos em casa. No Vietname e na Índia, as únicas pessoas que se encontram em aldeias e zonas rurais são os idosos e as crianças.

Outro grupo de pessoas são as que sofrem de problemas de saúde mental devido a uma combinação de pressões laborais, competitividade, ruptura familiar e isolamento, que por vezes levam ao suicídio. Isto é particularmente pertinente em Taiwan. Outro grupo que deve ser mais capaz de lidar com as mudanças é o grupo dos jovens. Nas grandes cidades da Ásia, muitos jovens podem enfrentar o isolamento, a solidão e a falta de ligações profundas com a sua sociedade. Podem ter muitos amigos nas redes sociais, mas muitas vezes carecem de ligações mais profundas com outros, levando ao isolamento, a um sentido de tédio e de solidão. Ao mesmo tempo, é mais difícil descobrir um significado e um objectivo mais profundo na vida com a influência decrescente da religião e dos valores tradicionais.

O carisma espiritano é um apelo no sentido de trabalhar com os “pobres e abandonados”, os marginalizados e excluídos.

PAPUA-NOVA GUINÉ

A primeira missão espiritana data do início da década de 1970 na Papua Nova Guiné (PNG). Confrades da Província Irlandesa foram convidados a trabalhar lá e foram seguidos por alguns confrades da Província do Trans-Canadá. Actualmente,

os missionários espiritanos vêm da África e, em particular, da Nigéria e de Madagáscar. A PNG tem uma grande percentagem de cristãos, tanto católicos como protestantes, mas é também um viveiro de crenças tradicionais e tribais. O ministério paroquial é o principal trabalho dos Espiritanos. As dificuldades de deslocação devido ao terreno e a um elevado nível de violência estão entre a lista dos desafios enfrentados pelos missionários. A PNG e a Austrália formam o que é agora chamada a comunidade da Oceânia.

O trabalho dos espiritanos varia consideravelmente em cada país onde vivem.

PAQUISTÃO

O trabalho dos espiritanos varia consideravelmente em cada país onde vivem. No Paquistão, os cristãos sempre foram tratados como cidadãos de segunda classe de pouca importância. Os espiritanos trabalham com dois grupos, uma pequena comunidade cristã e um grupo tribal hindu. Devido à presença esmagadora do Islão, o diálogo que tem lugar não é com o Islão enquanto tal, mas com muçulmanos individuais. Ao viver com pessoas que são discriminadas em termos de raça, religião, género e casta, os Espiritanos esforçam-se por dar um sentido de dignidade às pessoas e uma convicção do amor de Deus por elas. É aqui que as crenças cristãs na igualdade, fraternidade e irmandade se tornam centrais.

FILIPINAS

Nas Filipinas, os espiritanos trabalham em paróquias, capelanias hospitalares, escolas e capelanias prisionais, e na formação de futuros membros da congregação. São confrontados com as enormes desigualdades duma sociedade onde o poder e o dinheiro são controlados por umas poucas famílias, muitas vezes católicas. Trabalham com grupos minoritários numa sociedade já de si pobre. Também têm de lidar com a presença crescente de grupos evangélicos e pentecostais que atraem muitos jovens para as suas igrejas. Os espiritanos e a Igreja devem responder com uma catequese mais baseada nas Escrituras e uma abertura à participação laical nas estruturas eclesiais. Dois jovens já foram ordenados como espiritanos e nomeados para missões fora do seu próprio país.

TAIWAN

Em Taiwan, os espiritanos estão frequentemente dilacerados entre a resposta às exigências das dioceses locais para manter as paróquias e o seu apelo a trabalhar com grupos particulares. Têm as suas próprias paróquias, mas também assumiram capelanias em prisões, universidades e com jovens e trabalhadores migrantes. Um dos desafios do grupo é chegar aos grupos étnicos que vivem no interior montanhoso do país.

*Actualmente,
o Vietname tem
vinte e seis dioceses,
cerca de oito milhões de
católicos e seis grandes
seminários, todos eles
cheios de
capacidade.*

O ministério numa sociedade rica, materialista e secular, com uma tradição budista e taoista cada vez mais enfraquecida, requer o testemunho de uma vida de oração, contemplação e caridade activa.

ÍNDIA

Os espiritanos do Vietname e da Índia têm prioridades comuns no seu ministério que decorrem da situação política em ambos os países. A sua presença em ambos os países é semi-legal e, portanto, ocupam um espaço marginal numa igreja já marginalizada. O seu ambiente habitual é dentro da comunidade católica e os contactos com não-católicos são de natureza informal. A Igreja na Índia enfrenta um movimento nacionalista hindu cada vez mais agressivo, que acredita que ser indiano é ser hindu. Isto tem um impacto nas populações muito grandes de muçulmanos na Índia e na população mais pequena de cristãos, tanto católicos como protestantes, e de outras religiões. Os missionários estrangeiros não são oficialmente autorizados na Índia, mas a Igreja indiana envia muitos missionários católicos para todo o mundo. O apostolado Espiritano na Índia centra-se na formação. Os jovens indianos estão a serem preparados para se tornarem missionários espiritanos, e já três membros foram ordenados e partiram em missão para o Quênia, Zâmbia e Inglaterra.

VIETNAM

Nos seus 400 anos de história, a Igreja no Vietname enfrentou períodos de perseguição e opressão severas. Isto cessou em grande parte, mas ainda é visto com alguma desconfiança pelas autoridades políticas. Apesar destas dificuldades, ou talvez por causa delas, ela é forte e dinâmica. Actualmente, o Vietname tem vinte e seis dioceses, cerca de oito milhões de católicos e seis grandes seminários, todos eles cheios de alunos. As relações entre a Igreja e o Estado melhoraram e foi estabelecido um *modus vivendi*. A Igreja cuida dos seus próprios assuntos e não está envolvida na política, mas por vezes há tensões sobre questões de terra e de justiça e paz. É um verdadeiro desafio para a Igreja saber quando se deve pronunciar sobre estas questões.

Os católicos vietnamitas orgulham-se da sua identidade e estão ligados às suas tradições. Embora a liturgia seja «muito romana», é enriquecida por uma miríade de orações, hinos e devoções que fazem parte da expressão da fé do povo. A devoção a Maria é uma parte essencial da sua fé, tal como a devoção a São José. Os casamentos fora do grupo não são encorajados, e muitos estrangeiros com esposas vietnamitas descobrem que também eles devem adoptar uma nova religião. A veneração dos mártires é também central para eles; desde a chegada do cristianismo no século XVI, estima-se que 100.000 pessoas tenham morrido como mártires. O martírio é um elemento que

tem permanecido relevante até meados do século passado. Em 1988, o Papa João Paulo II canonizou cento e dezassete mártires vietnamitas.

O principal trabalho dos espiritanos no Vietname desde a sua chegada em 2007 é a formação de futuros membros para a congregação. Nos últimos 20 anos, o Vietname conheceu um boom vocacional, com dezenas de institutos religiosos, tanto de homens como de mulheres, a chegarem ao país em busca de vocações.

Quando os espiritanos chegaram ao Vietname, tiveram a sorte de terem no grupo membros já ordenados. Estes eram homens que tinham feito a sua formação e estudos nos Estados Unidos. Eles já falavam a língua e tinham laços familiares no país. Esta situação constituiu uma grande vantagem quando o grupo empreendeu este apostolado vocacional. Devido ao seu estatuto semi-jurídico, os espiritanos não têm as suas próprias paróquias, mas desde o início disponibilizaram-se informalmente para ajudar as paróquias no ministério de fazer retiros, comunidade católica expatriada e serviços de aconselhamento. O seu trabalho caritativo incluiu o fornecimento de bolsas de estudo para crianças frequentarem a escola, financiamento de sistemas de purificação de água e construção de casas simples para os pobres.

Como a educação era a principal ocupação dos espiritanos, uma das primeiras decisões tomadas pelo grupo foi a de não aceitar candidatos que tinham acabado de terminar o ensino secundário. Tinham de ter trabalhado durante um certo período de tempo ou feito estudos de pós-graduação antes de serem aceites. Desde o início, os espiritanos sublinharam que eram uma congregação missionária e que qualquer pessoa que desejasse juntar-se a eles tinha de estar preparada para deixar o seu país. Este é um verdadeiro desafio para um povo que preza o seu próprio país e língua, mas muitos jovens generosos decidiram que estavam à altura do desafio. Existem agora cinquenta deles no programa de formação. O primeiro ciclo de formação tem lugar no Vietname. O noviciado também tem aí lugar, mas é internacional com noviços provenientes da Índia, Hong Kong e, no futuro, das Filipinas. Posteriormente, todos os estudantes recém-professos passam dois anos em experiência apostólica numa missão espiritana, geralmente na África Ocidental ou Oriental ou no Reino Unido. Os estudantes estudam teologia em Manila e vivem na casa da Comunidade Espiritana Internacional. Em 2020, os espiritanos tinham os seus primeiros seis candidatos prontos para a ordenação, mas esta foi adiada para 2021 devido à pandemia. Agora, todos os anos, mais estudantes farão a sua profissão final, serão ordenados e enviados em missão.

O principal trabalho dos espiritanos no Vietname desde a sua chegada em 2007 é a formação de futuros membros para a congregação.

CONCLUSÃO

É difícil fazer declarações gerais sobre a Ásia, mas o que se pode dizer é que as culturas e sociedades estão a mudar profundamente e existe o perigo de que as velhas

*Uma Igreja
testemunhante,
que testemunha
dum modo asiático através
da oração, contemplação, amor
ao silêncio, harmonia com a
criação e um estilo
de vida simples.*

religiões e tradições sejam prejudicadas pela nova subcultura tecnocrática e consumista. O materialismo e o laicismo fazem parte da sociedade tanto lá como no Ocidente. Como um escritor salientou, a ideologia mais perigosa do mundo de hoje é imaginar que existe apenas uma forma de conhecer ou interpretar a realidade, um só modelo de progresso humano, uma só forma de viver e de ser humano.⁹ As religiões asiáticas sempre desempenharam o papel de guardiãs culturais, especialmente em tempos críticos. Hoje em dia, as antigas religiões da Ásia, incluindo o cristianismo, são chamadas a trabalhar em conjunto para resistir a este imperialismo cultural.

Por muito pequenos que sejam os seus números, os espiritanos na Ásia são convidados a participar nesta tarefa e devem vê-la como parte do trabalho de evangelização.

Contudo, a missão de proclamar Jesus numa forma que permita aos povos da Ásia, permanecendo ao mesmo tempo fiéis à doutrina teológica da Igreja e às suas origens asiáticas, representa um enorme desafio.¹⁰

Esta tarefa salienta a importância dum Igreja testemunhante, que testemunha dum modo asiático através da oração, contemplação, amor ao silêncio, harmonia com a criação e um estilo de vida simples; e dum modo católico através das suas obras de caridade, justiça e paz, e através do testemunho da vida do missionário, da família cristã e da comunidade eclesial que revela uma nova forma de viver - tendo sempre presente na mente que: “Não pode haver verdadeira evangelização sem a proclamação explícita de que Jesus é o Senhor”.¹¹ ■

Pat Palmer, C.S.Sp., Vietname.

Gostaria de agradecer às seguintes pessoas pelos seus conselhos e orientação acerca deste artigo: Fathers Seán O’Leary, C.S.Sp., (Taiwan), Jim O’Connell, C.S.Sp., (Paquistão), Edward Flynn, C.S.Sp., (Paquistão e Filipinas).

9. “Dialogue Gasping for Breath? Towards New Frontiers in Interreligious Dialogue [O diálogo está sem fôlego? Rumo a novas fronteiras no diálogo inter-religioso]”, Wilfred, Felix in “Living and Working with Sisters and Brothers of Other Faiths in Asia [Viver e trabalhar com irmãos e irmãs doutras religiões na Ásia].” FABC, 1987.

10. *Ecclesia in Asia*, n° 20.

11. *Ibid.*, n° 19.